

# ACTES DU COLLOQUE DE L'ADMEE-EUROPE

## ACTES DU 28ÈME COLLOQUE QUI S'EST TENU EN JANVIER 2016 À LISBONNE

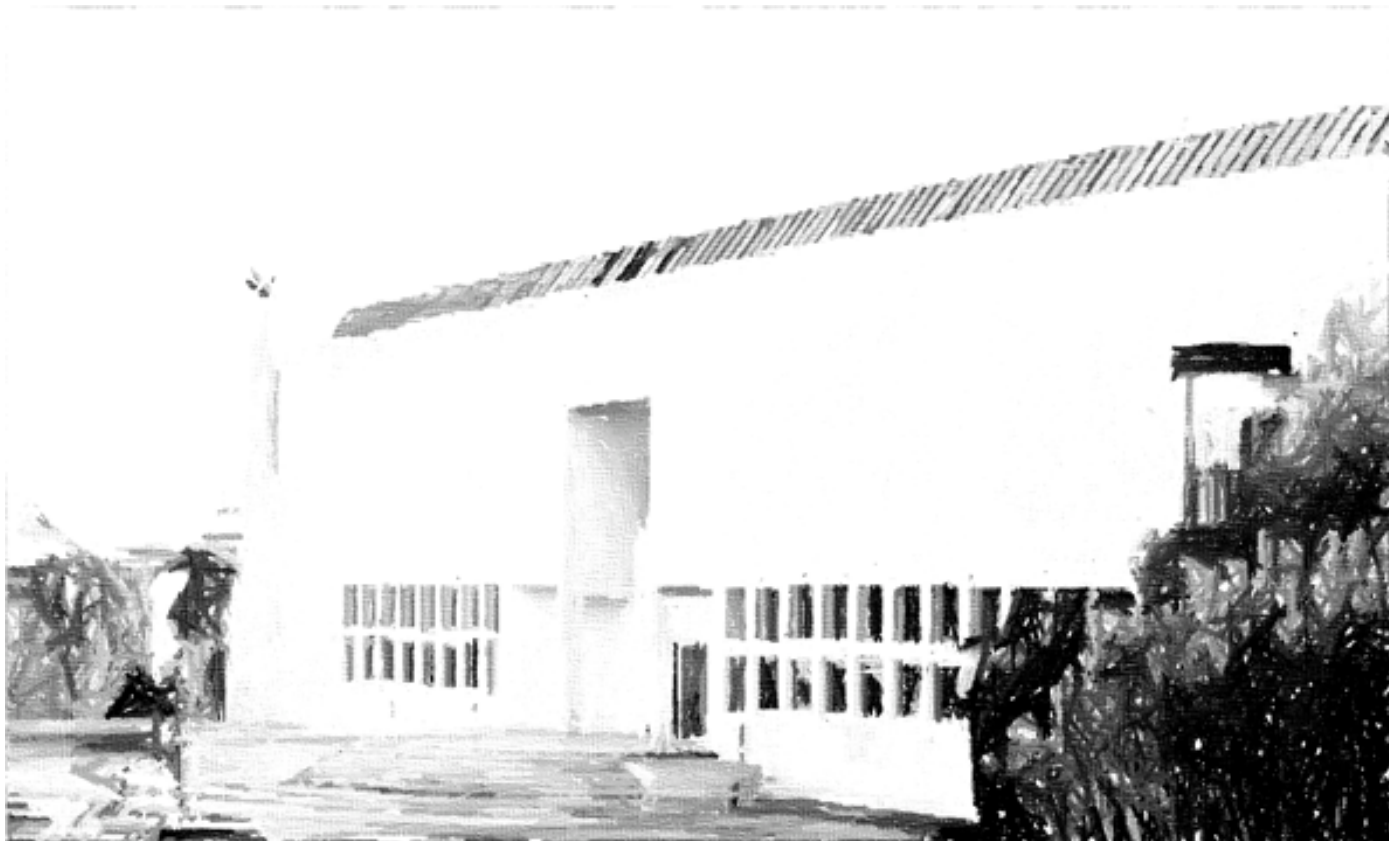


### AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM

### ÉVALUATIONS ET APPRENTISSAGES

#### ORGANIZADORES:

Carmen **CAVACO** (Coordenação)  
Natália **ALVES**  
Paula **GUIMARÃES**  
Christophe **DIERENDONCK**  
Palmira **ALVES**  
André **MACHADO**  
Pedro **RODRIGUES**  
Marcelo **MARQUES**  
Catarina **PAULOS**



**TÍTULO / TITRE**


**AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM  
ÉVALUATIONS ET APRENTISSAGES**

**ORGANIZADORES:** Carmen **CAVACO** (Coordenação), Natália **ALVES**, Paula **GUIMARÃES**, Christophe **DIERENDONCK**, Palmira **ALVES**, André **MACHADO**, Pedro **RODRIGUES**, Marcelo **MARQUES &** Catarina **PAULOS**

ISBN: 978-989-20-6591-5

© 2016

Universidade de Lisboa  
Instituto de Educação  
Alameda da Universidade, 1649-013, Lisboa  
ALL RIGHTS RESERVED



## **A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM – REFLEXÃO EM TORNO DE DINÂMICAS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E INFORMAL (ID 245)**

**CAVACO, Carmen, Universidade de Lisboa (PT)**


### RESUMO

A análise e problematização que se apresentam resultam de um conjunto de dados empíricos recolhidos em investigações realizadas com adultos não escolarizados. A análise é alicerçada no pressuposto que a avaliação é um processo natural do ser humano, que está presente na sua actividade quotidiana. Neste sentido, a avaliação é uma capacidade humana, que permite o desenvolvimento individual e colectivo, estando intimamente associada à aprendizagem. Os dados empíricos recolhidos nas investigações realizadas permitem afirmar que as pessoas, independentemente do seu nível de escolaridade, são capazes de analisar em permanência a sua acção. Por outro lado, essa avaliação, intimamente associada a um exercício de reflexão sobre a acção quotidiana, torna-se essencial no processo de aprendizagem. As pessoas procuram superar-se, melhorar as suas formas de agir e nessa dinâmica estão permanentemente envolvidas num processo de auto-avaliação. Com estes resultados procuramos colocar em evidência que a avaliação é usada, quotidianamente, pelas pessoas como uma ferramenta ao serviço do seu desenvolvimento e da sua aprendizagem, sendo importante em processos de mudança individual e colectiva. Estes dados permitem-nos avançar com uma análise crítica das perspectivas sobre avaliação, emergentes nas últimas décadas, as quais entendem a avaliação como uma actividade desenvolvida unicamente por especialistas, ao serviço de uma Agenda de regulação, com fins de adaptação, associada às questões da qualidade, da eficácia e da accountability.

### **Introdução**

O texto visa a problematização da relação entre a avaliação e a aprendizagem, a partir de dados empíricos recolhidos numa investigação de natureza qualitativa, centrada em adultos não escolarizados. A análise é alicerçada no pressuposto que a avaliação é um processo natural do ser humano, que está presente na sua actividade quotidiana. Defendemos há semelhança de Paulo Freire (2000), “que não há prática sem avaliação” (p.84), sendo a avaliação entendida como a “análise do que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar” (p.83). Neste sentido, a avaliação é uma capacidade humana, que permite o desenvolvimento individual e colectivo, estando intimamente associada à aprendizagem.

Os dados empíricos recolhidos nas investigações realizadas permitem afirmar que as pessoas, independentemente do seu nível de escolaridade, são capazes de avaliar em permanência a sua acção. Por outro lado, essa avaliação, intimamente associada a um exercício de reflexão sobre a acção quotidiana, torna-se essencial no processo de aprendizagem. As pessoas procuram superar-se, melhorar as suas formas de agir e nessa dinâmica estão permanentemente envolvidas num processo de auto-avaliação. Com estes resultados procuramos colocar em evidência que a avaliação é usada, quotidianamente, pelas pessoas como uma ferramenta ao serviço do seu desenvolvimento e da sua aprendizagem, sendo importante em processos de mudança individual e colectiva.




Estes dados permitem-nos avançar com uma análise crítica das perspectivas sobre avaliação, emergentes nas últimas décadas, as quais entendem a avaliação como uma actividade desenvolvida unicamente por especialistas, ao serviço de uma *Agenda* de regulação, com fins de adaptação, associada às questões da qualidade, da eficácia e da *accountability*. Os dados dos estudos realizados revelam-nos que esta é uma visão muito redutora e simplista dos processos de avaliação, que a tornam “contraprodutiva” (Illich, 1971), no sentido em que provoca alienação e estagnação, no lugar de desenvolvimento.

### **Avaliação – Um processo presente em todos os tempos e espaços de vida**

Nesta análise enquadrámos a avaliação numa perspectiva *orgânica* (Moore 1980), afastando-nos assim da perspectiva *mecanicista* (Moore, 1980) e tecnicista que tem vindo a tornar-se hegemónica nas últimas décadas. Entendemos que avaliar é um processo complexo que exige a emissão de um julgamento, ou seja, um juízo de valor, tendo por base uma referência tida como o ideal a atingir. Ao longo deste trabalho adoptamos a perspectiva de Marcel Lesne (1984), quando este defende que avaliar “é pôr em relação, de forma explícita ou implícita, um referido (apreendido de forma imediata) com um referente (o modelo, a norma, o desejado)” (p.132), a partir desta relação é emitido um juízo de valor. Parece-nos importante destacar, que o juízo de valor produzido no âmbito da avaliação não tem valor em si mesmo, mas é essencial para regular a acção quotidiana e nortear as decisões. Estamos constantemente a lidar com a avaliação, “a ser avaliados e a avaliar os outros. É uma actividade social essencial” (Hadji, 1997). Nesta perspectiva, a avaliação é um processo natural, presente no quotidiano, e que permite o posicionamento do sujeito no mundo, face aos outros, às coisas e a si mesmo.

Em Ciências da Educação, a investigação no domínio da avaliação tem vindo a incidir particularmente no contexto escolar e nas práticas pedagógicas que aí têm lugar. Esta situação explica, em grande parte, o predomínio da perspectiva mecanicista nos estudos centrados na avaliação. O modelo escolar tradicional continua a ser preponderante no meio escolar, e neste contexto a avaliação é colocada ao serviço da regulação das aprendizagens realizadas pelos alunos. Este tipo de avaliação induz, habitualmente, a uma “relação utilitarista com o saber” (Perrenoud, 1993, p.188), coloca os alunos e professores perante relações de poder diferenciadas, contribui para a manutenção de práticas pedagógicas conservadoras, e incide sobretudo nos saberes passíveis de isolar e medir, deixando de parte os restantes. Nestas práticas educativas mecanicistas, designadas por Paulo Freire (1972) como *educação bancária*, o aprendente é tido como objecto de intervenção. A avaliação é usada para regular a aprendizagem, para justificar a atribuição de classificações diferenciadas numa lógica de mérito, mas também evidencia a supremacia do professor, enquanto especialista e detentor do saber.

A avaliação é actualmente um domínio marcado pela diversidade e complexidade técnica e científica, surge associada a múltiplas finalidades, a contextos distintos e a metodologias, técnicas e instrumentos muito diversificados. A investigação realizada, entre outros aspectos, tem vindo a focar-se no desenvolvimento e na legitimação de técnicas, instrumentos e referenciais de avaliação no sentido de assegurar uma maior exactidão no processo de avaliação. Contudo, “nunca se é inocente ao avaliar” (Meirieu, 1994, p.13). Neste sentido, a avaliação funciona como uma engenharia de controlo social, com efeitos diversos sobre os cidadãos. José Gil (2009) destaca três efeitos da avaliação: as relações de força transformam-se em relações de poder; a singularidade dos sujeitos é ignorada e tida como referência para estabelecer hierarquias, comparações e




quantificações através de padrões uniformizados; estes padrões são difundidos e naturalizados como sendo a norma e contribuem para o surgimento de sentimentos de incapacidade, de inferioridade e de carência (Gil, 2009). A difusão e naturalização deste tipo de lógica de avaliação contribuem para o sentimento generalizado de “autocondenação pelo sujeito” (Gil, 2009).

Nesta análise procurámos resgatar um sentido mais orgânico para a avaliação, na tentativa de tornar evidente que a avaliação é uma actividade natural, presente no nosso quotidiano, não fazendo sentido considerar que a avaliação apenas existe quando se transformam os sujeitos em objectos de acção, com o falso argumento do rigor, da credibilidade e da objectividade. Nas práticas educativas inseridas nas modalidades de educação não formal e informal as pessoas envolvidas surgem como sujeitos do próprio processo de formação, neste processo a avaliação está sempre presente. Neste caso, a avaliação é entendida como um elemento intrínseco à actividade quotidiana, pois como destaca Philippe Meirieu (1994) “ao avaliar o que vejo, digo o que procuro e, se não estiver consciente disso, não posso pretender ser [...] um actor social” (p.13). A avaliação tem um carácter permanente, está presente em todos os tempos e espaços de vida, e é essencial no processo de formação. A avaliação permite accionar mecanismos de auto-regulação por parte das pessoas, contribui para a tomada de decisões e para a mudança. Como refere Richard Sennet (2008), “as pessoas investem seu pensamento em coisas que podem modificar” (p.138), e este tipo de decisão tem subjacente um importante processo de avaliação. O pensamento é algo inerente à actividade humana, porquanto a acção é interdependente da reflexão para ser alterada, ajustada e melhorada. Para Richard Sennet (2008), o nível de mestria nas actividades humanas consegue-se com investimento, trabalho e motivação para superar a imperfeição, em espaços em que é assegurada a autonomia. Estes elementos são fundamentais para garantir a realização de aprendizagens através de processos de observação, imitação e de tentativa-erro. O pensamento, o sentimento e a acção são dimensões interdependentes e permeadas por processos de avaliação, que o sujeito realiza sobre si, os outros e o mundo.

### **A interdependência entre a aprendizagem e a avaliação nas dinâmicas de educação não formal e informal**

Os testemunhos de adultos não escolarizados obtidos através de entrevistas biográficas revelam a presença da avaliação no seu quotidiano, nomeadamente, na realização das suas actividades, nos domínios familiar, social e profissional. Como antes foi mencionado, defendemos que não há prática sem avaliação, porque a emissão de juízos de valor está presente em toda a acção humana. Na nossa perspectiva a avaliação é um processo inerente à reflexão, ao pensamento e ao planeamento, porquanto, está presente a análise de situações, a identificação de possíveis opções, e o equacionamento destas à luz de antecipações e previsões. Tudo isto em função de modos de vida e em formas de equacionar o mundo, os outros e si próprio. Contudo, a avaliação surge integrada em outras actividades humanas, e é tida como um mecanismo ao serviço da autonomia e do desenvolvimento humano.

Nas afirmações dos adultos entrevistados torna-se evidente a presença de processos de avaliação e a interdependência destes com os processos de aprendizagem “*aprendia uma dança com o assobio, em a fazendo com o assobio dava em tocar, em a gente sabendo uma moda já agente ia com arremessos, dava em fazer frum, frum, até que aprendia*” (José). Neste processo intuitivo de aprendizagem, o José descreve como aprendia a tocar as músicas na harmónica. O processo baseava-se em várias etapas, primeiro identifica a melodia, o ritmo e a harmonia através do assobio,




por tentativa e erro. Os sons produzidos eram avaliados (comparação da melodia, do ritmo e da harmonia entre o seu assobio e a música que pretendia imitar) pelo José, numa operação rápida, mas complexa através dos sons detectados pelo seu ouvido e interpretados pelo seu cérebro. À medida que realizava a interpretação do som do seu assobio, processo no qual estava presente uma importante dimensão de avaliação, introduzia as alterações necessárias para se aproximar da norma, neste caso a música que desejava aprender. Após a descoberta da melodia e do ritmo da música, através do assobio, iniciava o treino com a harmónica. Sem qualquer formação musical, o José treinava muito até obter os resultados desejados, a sua motivação era grande, pois desejava aprender para animar os bailes na sua aldeia. O José aprendia a tocar as músicas por aproximações sucessivas, através do mecanismo de tentativa e erro, até chegar ao momento em que o som que saía da harmónica era semelhante ao que ouvira na música. O José procurava atingir a harmonia, por isso identifica e corrige os elementos estranhos, os ruídos que surgiam. Neste processo de aprendizagem o José emitia juízos de valor sobre a sua performance, a partir da análise do referido (o que tocava) e do referente (a música que pretendia aprender). A presença da avaliação é notória neste processo de aprendizagem, em que o José confrontava o seu toque como a música que desejava aprender. A presença e interdependência da reflexão, do pensamento, da acção e dos sentimentos tornam manifesta a complexidade do processo de aprendizagem, confirmando-se a tese “fazer é pensar”, de Richard Sennett (2008).

Os momentos de vida em que há confronto com dificuldades, desafios e problemas revelam-se um muito formativo, pois o sujeito é implicado num processo de reflexão, pensamento e acção que exigem o balanço sobre esquemas de pensamento e acção anteriores e o ensaio de novos, num espírito de tentativa e descoberta de novas possibilidades. Estes mecanismos exigem uma reflexão sobre as soluções que funcionaram anteriormente, uma análise sobre as novas variáveis da situação, e uma tentativa de resposta à especificidade do momento. O José relata uma situação vivida na sua infância, quando já trabalhava como pastor, onde estes processos são claros. O José frequentou a escola durante muito pouco tempo, por isso não aprendeu a ler, escrever e a contar. Quando o responsabilizaram por um pequeno rebanho de animais decidiu atribuir-lhes nomes, como estratégia para assegurar, no final do dia, o controlo da presença dos animais. Essa estratégia era a mais familiar na sua vida, embora muito pequeno, no quotidiano lidava com os nomes das pessoas da sua aldeia. Contudo, as suas responsabilidades foram aumentando e o rebanho era cada vez maior, o que o levou a concluir rapidamente que não era sustentável continuar a basear-se na estratégia de atribuir nomes aos animais para assegurar o controlo do rebanho, por isso teve de ensaiar outra possibilidade *“punha-lhe nomes [...] as cabras era poucas, 10 ou 12, depois entregaram-me quase 200 [...] já não havia nomes que chegassem, tinha que as contar”* (José). Nesta mudança de estratégia verificou-se uma análise da situação anterior e da estratégia usada, assim como a análise da nova situação e da necessidade de encontrar uma outra estratégia para controlar a presença de todos os animais no rebanho. O José sustentou “um diálogo entre práticas concretas e ideias” mobilizando a “habilidade, empenho e avaliação de um jeito específico” (Sennett, 2008, p.20), o que permite reforçar a interdependência o confronto com problemas e desafios, a aprendizagem e a avaliação.

### **Síntese final**

Neste texto procurou-se, ainda que de modo muito sintético, problematizar uma visão redutora e instrumental da avaliação, ao serviço de lógicas de regulação individuais e colectivas, propondo-se



uma visão mais ampla e orientada para a avaliação enquanto processo inerente à produção de si, numa registo de autonomia e de desenvolvimento pessoal. Procura-se contribuir para a análise crítica da lógica do actual diagrama da avaliação (Gil, 2009) em que predomina e se naturaliza a ideia do “homem avaliado” (Gil, 2009), defendendo-se que o sujeito mobiliza mecanismos de auto-regulação de uma forma permanente na sua actividade quotidiana. Contudo, essa auto-avaliação é inerente ao processo de reflexão, pensamento e acção dos sujeitos, assegura-se assim o respeito pela especificidade, pelos ritmos, tempos, desejos e sonhos de cada pessoa. Neste caso a avaliação resulta de processos adaptados a cada situação, engendrados pelo próprio sujeito, os quais visam o percorrer do caminho da *produção de si* que permite o bem-estar.

A avaliação contemplada na reflexão, no pensamento e na acção contribuiu para alicerçar a mestria, a sabedoria, numa lógica de mudança permanente em que o mais importante é a valorização de cada sujeito na sua especificidade. Numa época demasiado centrada na lógica da avaliação é importante reequacionar as formas de avaliação predominantes na sociedade e resgatar a sua presença nas práticas quotidianas. A avaliação presente de uma forma natural na acção quotidiana permite-nos avançar na compreensão das perversões provocadas pela incidência de uma avaliação, entendida de uma forma redutora, cujos fins são orientados para a regulação social e para a fragmentação social, através de mecanismos subtis, mas poderosos, de desvalorização das pessoas.

## Referências

- Freire, P. (1972). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento.
- Freire, P. (2000). *A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gil, J. (2009). *Em busca da identidade. O desnorte*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hadji, C. (1997). *A avaliação, regras do jogo. Das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.
- Illich, I. (1971). *Une société sans école*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lesne, M. (1984). *Lire les pratiques de formation d'adultes*. Paris: Edilig.
- Meirieu, P. (1997). Prefácio. In C. Hadji (1997). *A avaliação, regras do jogo. Das intenções aos instrumentos (pp.13-15)*. Porto: Porto Editora.
- Moore, T. (1980). *Introducción a la teoría de la educación*. Madrid: Alianza Editorial.
- Perrenoud, P. (1993). Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica. In A. Estrela & A. Nóvoa (Orgs.). *Avaliações em educação: Novas perspectivas (pp.171-191)*. Porto: Porto Editora.
- Sennett, R. (2008). *O artífice*. Rio de Janeiro: Editora Record.